

# O PASSADO PROGRESSIVO NAS PRODUÇÕES DE CRIANÇAS COM DEL

Maria Claudia ARVIGO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Uma das dificuldades mais documentadas do Déficit Específico de Linguagem refere-se à morfologia de tempo, sendo que esta categoria funcional pode ser omitida assistematicamente ou substituída de forma irregular. Estudos anteriores referem que crianças com DEL apresentam bom reconhecimento de temporalidade (passado, presente e futuro), mas encontram relativa dificuldade em compreender a relação entre eventos completos/ incompletos e o passado progressivo (aspecto gramatical imperfectivo). Este comportamento seria resultado de uma baixa sensibilidade às propriedades aspectuais, evidenciada pela pouca ou nenhuma variação do desempenho com relação ao aspecto lexical. Tais resultados referem-se a pesquisas com crianças anglófonas, já o presente estudo buscou verificar se o mesmo ocorre em crianças com DEL adquirindo o português brasileiro. Os resultados encontrados sugerem que os participantes são sensíveis às propriedades aspectuais, embora apresentem dificuldades com o passado progressivo com ambos os tipos de eventos.

**Palavras-chave:** DEL, aspecto imperfectivo, passado, insensibilidade aspectual.

**ABSTRACT:** One of the most documented difficulties concerns the tense morphology, a functional category that can be unsystematically omitted or irregularly replaced. . According to previous researches, children with SLI show good recognition of temporality (past, present and future), but find relative difficulty in understanding the relationship between complete/ incomplete events and past progressive (imperfective grammatical aspect). This behavior would be the result of a low sensitivity to the aspectual proprieties, evidenced by little or no change in performance with regards to lexical aspect. These results have been seen in other researches with English-speaking children, and this study sought to verify whether the same occurs in children with SLI acquiring Brazilian Portuguese. Results have shown that the participants are sensitive to the aspectual proprieties, however they shown difficulties progressive past with the both kinds of events.

**Keywords:** SLI, imperfective aspect, past tense, aspectual insensibility.

## 1. Introdução

Nem sempre adquirir uma língua é um processo fácil, algumas vezes ele pode ser árduo e longo. Cerca de 5 a 7% de crianças em idade pré-escolar apresentam o Déficit Específico de Linguagem (a saber, DEL) cujas características referem uma

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/ Unicamp).

alteração na aquisição e desenvolvimento dos aspectos morfossintáticos e fonológicos da linguagem. Esta patologia se manifesta de forma isolada, ou seja, estão ausentes rebaixamento cognitivo, lesão neurológica, deficiência auditiva, comprometimentos psicossociais e demais questões do desenvolvimento infantil (cf. Leonard, 1998; Parrisé & Maillart, 2009; entre outros).

Leonard & Deevy (2010) apontam para as dificuldades com a morfologia de tempo como uma das mais documentadas nos estudos sobre o déficit. A categoria funcional de tempo pode sofrer subespecificação ou omissão assistemática.

Rice e seus colegas (Rice, Wexler & Cleave, 1995; Rice, Wexler & Hershberger, 1998; Rice, Wexler & Redmond, 1999; Rice, 2000) com base na hipótese do Estágio de Infinitivo Opcional (OI) de Wexler (1990) sugerem que esta subespecificação pode ser observada também em crianças com desenvolvimento típico. O que diferencia a gramática inicial típica daquela sob os efeitos do déficit é que ao contrário da primeira a segunda apresenta um prolongamento com duração indefinida deste período.

Em linhas gerais, segundo a proposta de Wexler (1998), a criança típica e a acometida pelo déficit passam por um período de restrição de checagem em que traços não-interpretáveis como aqueles em determinadas categorias funcionais seriam checados uma única vez e não mais vezes subseqüentes como o autor propõe que ocorra na gramática do adulto.

Entender as dificuldades do DEL não significa supor que se trata de uma gramática com ausência de categorias funcionais. Na verdade, algumas projeções funcionais estão presentes na fala destas crianças, enquanto outras acabam sendo deixadas subespecificadas dando vazão a uma gramática deficitária (RICE et al., 1998; entre outros).

A categoria funcional de tempo está intrinsecamente relacionada às noções de tempo e aspecto. A diferença entre estas noções pode ser tomada por uma perspectiva semântica, uma vez que aspecto distingue as características internas de um evento, tais como: início, meio e fim, ou as noções de completude e continuidade. Já o tempo verbal é responsável pela constituição temporal externa de um evento, expressando a referencialidade do tempo (+/- passado) por meio de uma categoria gramatical.

A noção aspectual apresenta algumas propriedades que nos levam à sua divisão em dois tipos de aspectos: lexical e gramatical. O aspecto gramatical pode ser codificado através de verbos auxiliares ou morfemas flexionais que dão ao falante a

perspectiva do evento envolvendo distinções semânticas por meio de pares contrastivos como durativo/ não-durativo; completude/ incompletude; e ponto inicial/ final de um evento. O aspecto lexical independe de qualquer marcação gramatical expressa pelo verbo e está relacionado às noções semânticas de duração, telicidade e dinamicidade (cf. Comrie, 1976).

Durante o processo de aquisição típico as crianças encontram dificuldades com estas propriedades aspectuais e realizam generalizações sobre a forma como estes tipos aspectuais se relacionam. A estas generalizações deu-se o nome de Hipótese da Perfectividade (Teixeira de Souza, 2008) em que é sugerido que as crianças pequenas associam constantemente o aspecto progressivo a verbos durativos e atélicos; e o perfectivo a verbos télicos.

Para Leonard, Deevy, Kurtz, Krantz Chovrev, Owen, Polite, Elam & Finemann (2007) estas generalizações na gramática inicial típica são importantes para o processo de aquisição da morfologia de tempo, funcionando como um facilitador para a aquisição e compreensão da função gramatical das flexões verbais.

Contudo, não se pode pressupor o mesmo para as crianças acometidas pelo déficit, as quais levam mais tempo para iniciar o uso da flexão verbal. Esta demora seria evidência de que as crianças com DEL possuam uma insensibilidade às propriedades aspectuais.

Para que a Hipótese de Insensibilidade se confirme nos participantes desta pesquisa os resultados não devem apresentar variação quanto à informação aspectual apresentada, de forma semelhante àqueles encontrados por Leonard & Deevy (2010) em que as crianças com o déficit mantiveram os percentuais de acertos bem abaixo ao do grupo controle independentemente do tipo de evento apresentado.

Leonard et al. (2007) sugerem que a criança com o déficit não compreende tempo como a criança típica, mas o trata como um traço opcional e não obrigatório nas orações principais. Estes autores partem da proposta de uma série de pesquisadores, como Wagner (2001), de que as crianças típicas compreendem tempo a partir da noção aspectual.

Mas é possível supor que as crianças acometidas pela patologia em questão apresentam tempo verbal dissociado do aspecto, como propõe Valian (2006) para as crianças típicas. Segundo esta autora, embora tempo e aspecto sejam noções interativas, elas são distintas na compreensão da criança. A autora se baseia na capacidade

apresentada pelas crianças em seu experimento em distinguir passado de não-passado e sugere que tempo emerge anteriormente ao aspecto, discordando de Wagner.

Aparentemente dependendo da oposição entre os itens (se a distinção passado x não-passado está na cópula ou na morfologia do verbo principal, p.ex.) presentes no experimento de Valian as crianças típicas irão apresentar maior predileção às propriedades aspectuais ou do tempo verbal, ou seja, os resultados podem variar de acordo com as pistas mais salientes. Será que podemos supor o mesmo para a produção das crianças com o déficit?

## 2. Metodologia

A pesquisa contou com a participação de 4 crianças com idades entre 5 e 6 anos todos acometidos pelo DEL segundo avaliação realizada pelo Centro de Atendimento Especializado (CEFAC) onde realizavam terapia fonoaudiológica em função das dificuldades de fala.

Participantes	Idades
S1	05;11
S2	06;03
S3	05;03
S4	05;07

Com cada participante ocorreu um encontro com duração de 20 a 30 minutos. O objetivo era observar a produção e a compreensão do passado progressivo em eventos télicos e atélicos. O experimento foi construído com base no instrumento elaborado por Wagner (2001) para crianças típicas em início de aquisição e revisitado por Leonard & Deevy (2010) com crianças com DEL.

Todos os eventos presentes neste experimento foram elaborados com verbos do tipo *accomplishment* ([+] dinâmico, [+] télico, [+] pontual) em um primeiro momento e de atividade ([+] dinâmico, [-] télico, [-] pontual) em momento posterior, variando em função da presença do objeto quantificável ou não no sintagma verbal.

A escolha destes dois tipos de verbos excluindo os demais foi feita na intenção de focar no traço de [+/-] telicidade e sua relação com o aspecto imperfectivo, supondo

que os indivíduos participantes irão encontrar maior dificuldade no cruzamento [+]  
tético (verbos *accomplishment*) e imperfectividade que nos leva ao Paradoxo do  
Imperfectivo (ver Basso, 2007).

Os participantes, inicialmente, foram apresentados a um fantoche (Lilo) e a uma  
boneca (Nina), um cartão com um caminho desenhado e outros brinquedos e objetos  
manuseados pela boneca ao longo do caminho.

Durante todo o experimento, a pesquisadora narra o percurso e os eventos  
desenvolvidos pela boneca ao longo do caminho desenhado no cartão. O fantoche  
interage com o participante na intenção de induzi-lo a participar e a produzir  
determinadas estruturas sintáticas.

O percurso realizado pela boneca é marcado por três pontos: ponto A  
posicionado no início; ponto B no meio; e ponto C no final do caminho. Estes três  
pontos representam passado, presente e futuro, respectivamente, ou seja, o local onde  
um determinado evento ocorreu, onde está ocorrendo e onde deverá ocorrer. Apenas as  
produções realizadas para o ponto A foram o foco de nosso interesse para esta pesquisa.

(1) Evento: Beber uma xícara de chá

Objetos: 3 xícaras posicionadas uma no ponto A, outra no ponto B e outra no  
ponto C.

Pesquisadora: ‘Nina vai dar um passeio e no meio do caminho ela vai fazer  
uma porção de coisas, vamos ver? A Nina está passeando e ficou com sede,  
então ela resolveu beber uma xícara de chá. Olha só, a Nina está bebendo<sup>2</sup>  
uma xícara de chá.’ – a boneca faz movimentos como se estivesse bebendo  
chá e permanece por alguns segundos no ponto A. Em seguida, retoma o  
passeio e segue para o ponto B – ‘Nina continua o passeio, mas ela ainda  
está com sede e vai beber outra xícara de chá. A Nina está bebendo chá...’ –  
com a boneca ainda realizando a ação: beber uma xícara de chá, a  
pesquisadora pede ao participante: ‘Enquanto a Nina está aqui bebendo uma  
xícara de chá, me mostre onde ela estava bebendo. E onde ela está bebendo  
uma xícara de chá? E onde ela vai beber uma xícara de chá?’

---

<sup>2</sup> Sintagmas sublinhados representam partes da enunciação da pesquisadora em que foi dado ênfase durante a produção.

Ao final do circuito, a pesquisadora dizia que o fantoche adormecera durante a atividade e solicitava ao participante que narrasse os acontecimentos ao fantoche. Esses dois primeiros momentos do experimento (apontar e narrar os eventos completos) foram compostos por um grupo de 5 eventos realizados uma única vez ao longo do percurso, passando pelos 3 pontos A, B e C. A repetição do evento apenas ocorria quando o participante demonstrasse não compreender o ocorrido.

Outros dois momentos ofereceram, ao participante, eventos incompletos envolvendo passado progressivo. Os eventos no presente progressivo estão em curso e por isso apenas apresentam ponto de culminância eminente.

#### (2) Evento: desenhar casas

Objetos: 2 pedaços de papel dispostos nos pontos A e B; um lápis.

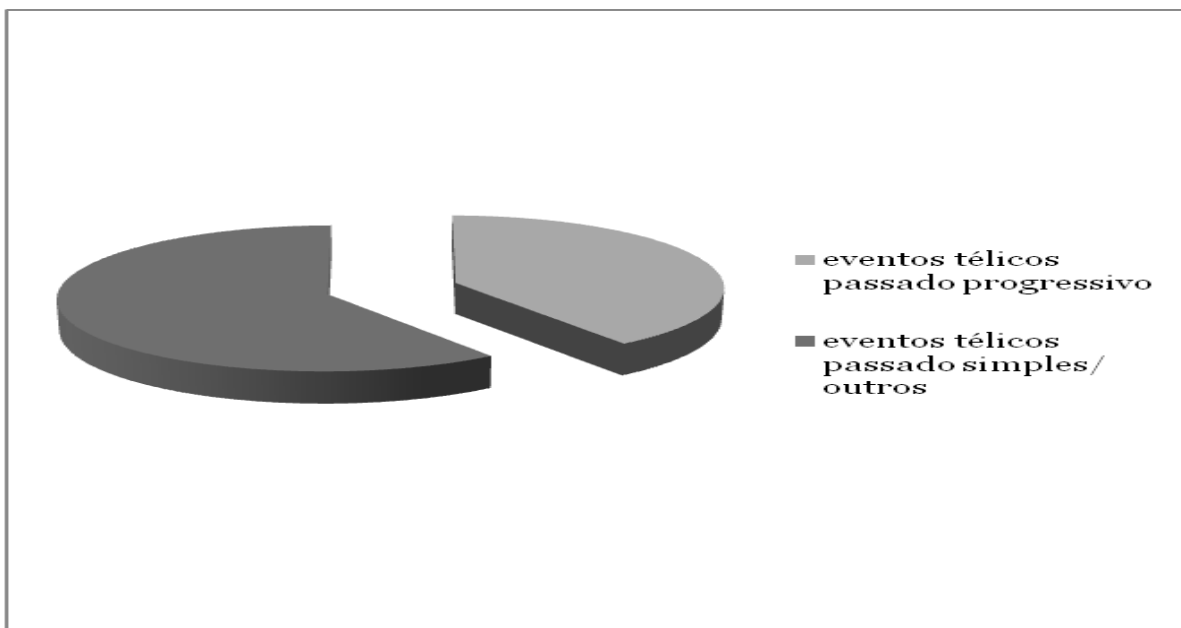
Pesquisadora: ‘A Nina adora passear e vai continuar o passeio. Ela está passeando e resolve desenhar uma casa. Olha, a Nina está desenhando casas, um monte de casinhas...’ – a ação não é completa. ‘Nina está passeando e resolve fazer mais casinhas. Ela está desenhando casas’. – durante a realização dos desenhos, a pesquisadora indaga: ‘Onde a Nina estava desenhando casinhas? E onde ela está desenhando?’

Ao final de cada percurso foi solicitado ao participante que contasse ao fantoche o que aconteceu, já que este não conseguira prestar atenção e não entendera os acontecimentos.

### **3. Resultados**

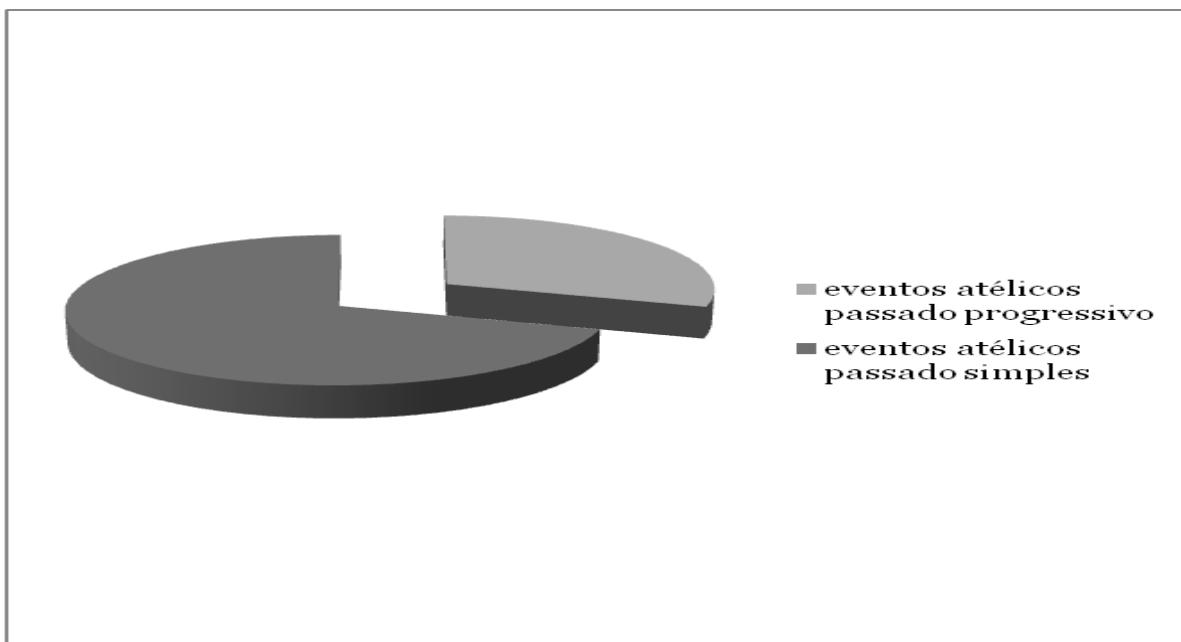
Foram computadas como corretas apenas as formas progressivas, sendo que outras formas no passado foram observadas de perto.

O gráfico 1 apresenta o percentual de uso da forma progressiva em contraposição à produção de outras formas verbais, principalmente o passado simples em eventos télicos.



**Gráfico 1 – Comparação entre as produções com o passado progressivo e outras formas verbais no pretérito com eventos télicos**

O passado progressivo ocorre em menor escala sendo substituído pela forma simples tanto com eventos completos, como visto no gráfico acima, como com eventos incompletos (gráfico 2).



**Gráfico 2 – Comparação entre as produções com o passado progressivo e outras formas verbais no pretérito com eventos atélicos**

Os exemplos (3) e (4) ilustram as produções com o passado progressivo com eventos télicos e atélicos realizados pelos participantes.

(3) Eventos Completos

...*ela tava colando ali.* – S2

*Ela tava pulando aqui.* – S3

(4) Eventos Incompletos

*Lilo, ela tava montando aqui.* – S1

*Lilo, ela tava pintando.* – S2

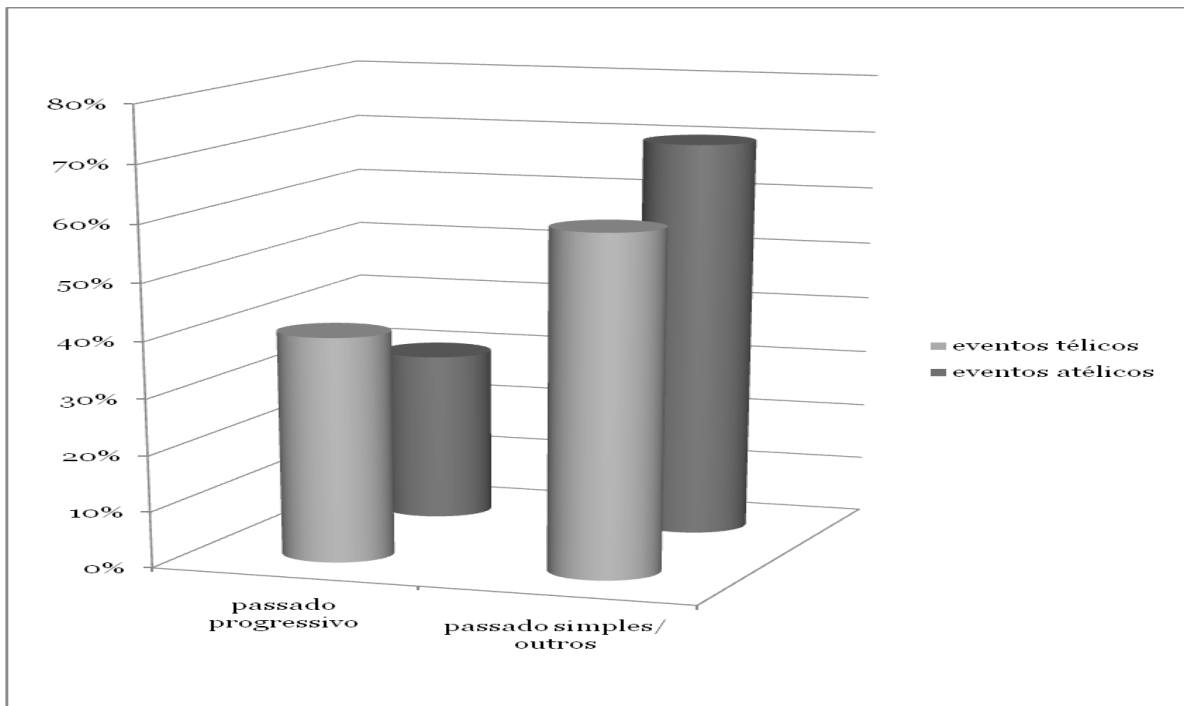
As produções com o passado progressivo são restritas e sua forma é substituída essencialmente pelo passado simples, mas o presente progressivo e outras formas podem co-ocorrer, como mostra a tabela 2.

	<b>Eventos Completos</b>	<b>Eventos Incompletos</b>
<b>Passado Progressivo</b>	<b>15%</b>	<b>30%</b>
<b>Passado Simples</b>	45%	50%
<b>Presente Progressivo</b>	10%	5%
<b>Outras Formas</b>	15%	∅
<b>Omissão do Auxiliar</b>	15%	15%

Tabela 2 – Substituições do Passado Progressivo em Eventos

O uso do passado progressivo ocorre em menor escala, havendo preferência pelo passado simples tanto em eventos télicos como atélicos como mostra o gráfico 3. Com menor incidência, mas ainda significativa, está a ocorrência do presente progressivo e a omissão do auxiliar.





**Gráfico 3 – Comparação entre passado progressivo e outras forma – eventos táticos e atáticos**

Os exemplos (5) e (6) apresentam as substituições do passado progressivo realizadas pelos participantes da pesquisa.

(5) Eventos Completos

*Ela já montou a casa.* – S4 (Passado Simples)

*Ela tá comendo aqui.* – S4 (Presente Progressivo)

*arrumando casinha.* – S3 (Omissão do Auxiliar)

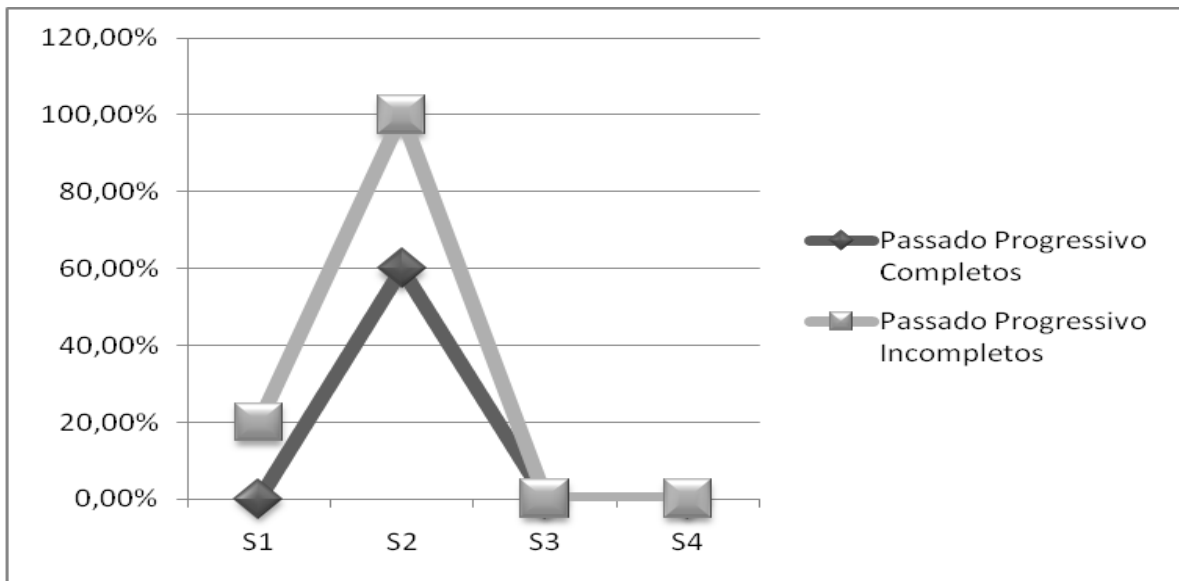
(6) Eventos Incompletos

*Desenhou.* – S3 (Passado Simples)

*Tá guardando pedra.* – S3 (Presente Progressivo)

*recortando.* – S3 (Omissão do Auxiliar)

O gráfico 4, a seguir, apresenta os percentuais de acertos individuais com eventos completos e incompletos.



**Gráfico 4 – Percentuais de Acertos Individuais**

Apenas um participante (S2) apresentou percentuais satisfatórios na produção do passado progressivo, os outros três participantes, em especial S3 e S4, demonstraram grande dificuldade tanto com eventos completos como com incompletos.

As respostas de S3 foram consideradas incorretas em decorrência da omissão do verbo auxiliar, o qual na forma progressiva marca o tempo verbal. S1 e S4 realizaram substituições do passado progressivo por outras formas verbais como as representadas na tabela 2 exposta anteriormente.

#### **4. Discussão**

O cruzamento entre os traços [+] telicidade e [-] perfectividade, o Paradoxo do Imperfectivo, proposto pelo experimento poderia incorrer em dificuldades para os indivíduos participantes da pesquisa. Os resultados da produção são compatíveis com esta suposição, uma vez que os maiores índices de acertos ocorreram com eventos sem ponto de culminância. Os participantes acabaram optando pelo uso do pretérito perfeito em lugar do progressivo.

Estas substituições observadas nas produções da hipótese defendida por Wagner (ver Wagner, 2001), que segundo a autora já é fortemente evidenciada pelo uso inicial do passado simples ou da morfologia perfectiva no passado restrito a verbos que descrevem completude.

Shirai & Andersen (1995) descrevem alguns estudos sobre o *input*, entre eles aquele realizado por Stephany (1981 *apud* Shirai & Andersen, 1995), em que a preferência da combinação passado/ perfectivo/ télico parece estar presente na produção do adulto. Desta forma, é possível que a criança típica em dúvida sobre a forma a ser produzida opte por esta associação. O mesmo poderia ser dito sobre o comportamento apresentado pelos participantes de nossa pesquisa.

A presença do pretérito perfeito indica que os indivíduos fazem as generalizações previstas pela literatura, embora este seja um comportamento esperado para as crianças mais novas.

A manutenção adequada do tempo verbal observada na grande maioria das vezes pode ser indicativo de que os participantes não compreendem tempo por meio das propriedades aspectuais como sugere Wagner (2001) para as crianças típicas.

Além disto, Wagner observou que todas as crianças típicas de seu experimento, dos 2 aos 4 anos apresentaram melhores resultados com o passado quando os eventos apresentavam completude. Embora as crianças mais velhas (3 e 4 anos) consigam compreender o passado progressivo com os dois tipos de eventos, as mais novas (2 anos) demonstraram grande dificuldade com os dois traços [+/-] télico.

Os participantes S3 e S4 tiveram resultados semelhantes ao das crianças mais novas estudadas por Wagner, o que fortalece a hipótese de que, ao menos nestes dois casos, o déficit funcione como um atraso na aquisição. No entanto, para se obter evidências mais concretas seria necessário um estudo longitudinal.

Pode-se supor que, de uma forma geral, os indivíduos aqui estudados apresentem uma noção de tempo separada do aspecto e que, aparentemente, o tempo verbal se estabeleceu anteriormente ao aspecto, já que a dificuldade se encontra na produção da morfologia deste último.

Valian (2006) sugere que, embora tempo e aspecto sejam duas noções interativas, elas são distintas na concepção da criança típica. Uma evidência para isto é a capacidade apresentada por estas crianças em distinguir passado do não-passado. Para a autora, tempo emerge anteriormente ao aspecto e não o contrário como supõe uma série de pesquisadores, dentre eles Wagner.

Outro resultado importante é a presença de variação nos resultados que podem ser atribuídos à mudança do tipo de aspecto lexical nos eventos, contrariamente ao que Leonard e seus colegas sugerem.

Com base na Hipótese da Insensibilidade Aspectual, Leonard et al.(2007) sugerem que o comportamento lingüístico das crianças com DEL em seu experimento não pode ser associado a variações quanto ao tipo de aspecto, pois estas crianças mantiveram baixos percentuais de acerto em comparação às crianças típicas estudadas mesmo quanto o tipo aspectual mudava.

Leonard & Deevy (2010) também encontraram evidências para esta hipótese, observando que os resultados das crianças com DEL continuavam restritos em comparação aos das crianças típicas tanto com eventos télicos como atélicos.

Tal fato nos leva a supor que na aquisição do português brasileiro os indivíduos acometidos pelo déficit não se mostram insensíveis às propriedades aspectuais, ao menos no que se refere à noção de telicidade.

## **5. Conclusão**

Diversos estudos sobre o Déficit Específico de Linguagem surgiram nas últimas décadas na intenção de diminuir a inconsistência que assombra esta terminologia. Esta é uma tarefa árdua, principalmente porque o DEL é uma patologia que se manifesta de forma heterogênea impedindo que se façam generalizações acerca de sua natureza e manifestações.

Este estudo buscou alguma contribuição para o melhor entendimento do déficit, em especial, sobre o seu funcionamento no processo de aquisição de categorias funcionais no português brasileiro.

Estudos com diferentes línguas sugerem que tempo e aspecto representam a principal dificuldade enfrentada pelas crianças acometidas pelo déficit. Aparentemente, no português brasileiro este quadro não é diferente.

Os participantes desta pesquisa tiveram problemas com a morfologia do aspecto imperfectivo, tanto com eventos completos como incompletos. Os resultados sugerem que, ao contrário do que se previa com a Hipótese da Insensibilidade Aspectual, esta dificuldade com o aspecto progressivo não é decorrente da baixa sensibilidade às propriedades aspectuais. Considerando que as crianças com o déficit observadas por Leonard et al. (2007) e por Leonard & Deevy (2010) não apresentaram variação em seu comportamento quando havia mudança do tipo aspectual (evidência para a Hipótese), diferentemente dos participantes aqui estudados.

Ainda há muito a ser estudado sobre como o DEL se manifesta no português brasileiro, esta pesquisa representa uma pequena contribuição neste vasto campo a ser desvendado.

## 6. Referências Bibliográficas

BASSO, R. M. **Telicidade e detelicização**: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual. Dissertação (mestrado em lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge University Press, 1976.

LEONARD, L. B. **Children with specific language impairment**. Cambridge, MIT Press, 1998.

LEONARD, L. B., DEEVY, P., KURTZ, R., KRANTZ CHOUREV, L., OWEN, A., POLITE, E., ELAM, D., FINEMANN, D. Lexical aspect and the use of verb morphology by children with specific language impairment. **Journal of Speech, Language and Hearing Research**, v.50, p. 759-777, 2007.

LEONARD, L.B., DEEVY, P. Tense and aspect in sentence interpretation by children with specific language impairment. **Journal of Child and Language**, v.37, p.395-418, 2010.

PARISSE, C. & MAILLART, C. Specific language impairment as systemic development disorders. **Journal of Neurolinguistics**, v.22, p.109-122, 2009.

RICE, M. L. **Grammatical symptoms of specific language impairment**. In: BISHOP, D.V.M. & LEONARD, L.B. (eds) *Speech and language impairments in children: causes, characteristics, intervention and outcome*. New York: Psychology Press, 2000.

RICE, M.L., WEXLER, K. & CLEAVE, P.L. Specific language impairment as a period of extended optional infinitive. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 38, p. 850-863, 1995.

RICE, M. L., WEXLER, K., HERSHBERGER, S. Tense over time: the longitudinal course of tense acquisition in children with specific language impairment. **Journal of Speech Language and Hearing Research**, v. 41, p. 1412-1431, 1998.

RICE, M. L., WEXLER, K. & REDMOND, S. M. Grammatical judgments of an extended optional infinitive grammar: evidence from English-speaking children with specific language impairment. **Journal of Speech, Language and Hearing Research**, v. 42, p.943-961, 1999.

SHIRAI, Y. & ANDERSEN, R. W. The acquisition of tense-aspect morphology: a prototype account. **Language**, v.71, n.4, p.743-762, 1995.

TEIXEIRA DE SOUZA, T.. **Investigando na aquisição do PB a hipótese da perfectividade**. Dissertação (mestrado em lingüística), Departamento de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VALIAN, V. Young children's understanding of present and past tense. **Language Learning and Development**, v.2, n.4, p.251-276, 2006.

WAGNER, L. Aspectual influence on early tense comprehension. **Journal of Child Language**, v.28, p.661-681, 2001.